

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium tri-
umphii Ecclesiae... in Christo Jesu.

ID 13. 14.

A historia verdadeira
da Inquisição
e o Episcopado

QUANDO principiavamos o 7.º anno da nossa humilde publicação, o «Progresso Catholico» davamos a noticia de haver recebido a Benção do Exc.º e Rev.º Sr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, e a approvação da *Historia Verdadeira da Inquisição*; passado um anno, e como um favor do céu, que nos quer fortalecer com as divinas graças, recebiamos, em carta da India Portuguesa, a Benção do Exc.º e Rev.º Sr. D. Antonio Sebastião Valente, venerando Arcebispo de Goa, e digno Primaz do Oriente, e com ella a approvação da edição nossa da *Historia Verdadeira da Inquisição*. (1)

(1) Esta obra que em portuguez conta já duas edições, obteve em Portugal as approvações e recommendações, ai é m das duas mencionadas, as dos Exc.ºs



DEPOIS DO TERÇO

A Carta Pastoral, em que S. Ex.º R.º adprova e recommenda a dita obra aos diocesanos da vastissima metropole de Goa, transcrevemol-a na seguinte pagina, louvando ao Senhor uma tal recompensa, e a carta, que nos transmitiu a Benção do virtuosissimo descendente de S. Francisco Xavier na India, fica archivada para ser conservada como precioso thesouro, no sanctuario da familia, e de joelhos, na mesma posição em que a recebemos beijamos em espirito o sagrado anel de S. Ex.º Rev.º, como tributo de filial affecto, e nunca desmentida gratidão.

Teixeira de Freitas

e Rev.ºs Snrs. Arcebispo Primaz de Braga, Bispos de Vizeu, Funchal, Angra do Heroismo, Arcebispo de Mitylene, e no Brazil a do Exc.º e Rev.º Sr. Bispo de Olin-da.

APPROVAÇÃO
DA
HISTORIA VERDADEIRA DA INQUISIÇÃO

POR SUA EXC.^a REV.^{ma}

O SNR. ARCEBISPO DE GOA
PRIMAZ DO ORIENTE

D. ANTONIO SEBASTIÃO VALENTE, por mereç de Deus e da Santa Sé Apostolica Arcebispo Metropolitano de Goa, Primaz do Oriente, doutor na Sagrada Theologia pela Universidade de Coimbra, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, etc.

A todos as pessoas que a presente virem, saude e paz em Nosso Senhor Jesus Christo

SENDO muitos e graves os erros e as calumnias que os inimigos da religião tem espalhado e espalham contra o Tribunal do Santo Officio, innumeras e gravissimas as accusações, tão infundadas e injustas como malevolas, que a proposito d'aquelle Tribunal se tem feito e fazem á Egreja Catholica, enormes e incalculaveis os danos, d'ahi emergentes contra as nossas santas crencas, mui opportuna e providencialmente sahiu a lume em Hespanha e fez trasladar para a lingua portugueza o conhecido editor catholico vimaranense, o Snr. Teixeira de Freitas, a HISTORIA VERDADEIRA DA INQUISIÇÃO, obra devida á insigne penna do illustre escriptor catholico, o Snr. D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo, e na qual se restabelece a verdade dos factos, se desfazem os erros e se repellem as accusações calumniosas feitas ao Santo Officio e á Egreja, como da leitura de uma parte consideravel da mesma, tivemos occasião de verificar.

Accedendo, pois, aos desejos do mencionado editor, approvamos e vivamente recommendamos aos Nossos diocesanos tão instructiva como interessante obra, que mereceu já as approvações e recommendações de eminentes e respeitabilissimos Prelados.

Dada em Nova Goa e no Paço Archiepiscopal, sob o Nosso signal e sello das Nossas armas, aos 19 do mez de setembro de 1885.

Antonio, Arcebispo Primaz.

Monsenhor *Joaquim Pires Antunes*,
Secretario.

A morte do Papado

QUANDO a Revolução entrou em Roma, e que os soldados valorosos do Papa enbainharam as valentes espadas, que não podiam crusar-se com as armas do bandeirismo revolucionario do Piemonte, repetidas vezes se havia levantar nas celfas do maçonismo o alegre grito de — morreu o Papado! Porque, para os homens que não reconhecem a existencia de Deus, para quem não ha outra vila, para quem a força e o dinheiro é tudo sobre a terra, vendo o Papa sem um exercito de soldados, sem a auctoridade, que por seculos exercera, de Soberano temporal, morto deveram considerar o Papado, alluido o grande edificio que ha dezenove seculos arrosta impavido contra as ventanias levantadas do Averno, e que sempre teem sido, como o são ainda hoje, e como o serão em todos os tempos, impotentes para derrocar uma instituição que tivera por propagadores doze pobres das margens do mar da Galilea.

O que não fizera o mesmo poder da Roma dos Cezares; o que não realisaram os heresiarchas de todos os seculos; julgaram havel-o conseguido, alguns centenares de pedreiros livres!

Triste cegueira a dos pequenos satanazes, que hoje cavam em volta da Igreja de Jesus Christo, a sua propria ruina!

Mas estava morta a Igreja, e o Papado, na bocca dos homens do seculo das luzes, era uma velharia, que, quando muito, duraria meia duzia de annos, enquanto durassem algumas *beatas* e alguns padres velhos, que acreditavam ainda no ceu e em Deus!

E riam-se, e sempre que ouviam fallar do Papa, tinham uma *piada*, um sarcasmo que arremessam á *velha e carcomida* instituição dos seculos de atroz *fanatismo*.

Alguns, por consideração, e seguros de que tinham levantado os fundamentos sobre que Christo edificara a sua Igreja, já se mostravam amigos do Chefe do catholicismo, e diziam (muito obrigados) foi uma instituição que alguns serviços prestou; mas a sua missão findou, já não tem razão de ser.

Mas um dia levanta-se um conflicto entre dois povos. Duas nações estão promptas a terçar as armas no campo de batalha, e a Europa aguarda espantada o desfecho da questão.

As ilhas Carolinas estão entre as garras dos leões de Castella e as das aguias allemães, emquanto a bandeira da Hespanha era arreada e substituida pela do novo imperio germanico.

Aos exercitos do imperador Guilherme oppunha a Hespanha a força do seu direito, e os hespanhoes todos em

massa se conspiravam contra os que lhe pretendiam tirar o direito que tinham ás Carolinas.

Era inevitavel uma guerra, que, Deus sabe quem n'ella entraria

A diplomacia era insufficiente para resolver tão melindrosa questão, porque de um lado havia o direito, é verdade; mas do outro havia a força, e a força do direito tem sido muitas vezes abafada pelo direito da força.

Um alvitre salvador, luminoso, apparece d'uma das partes. E' apontado o Papa, o Chefe de uma religião *morta*, um soberano sem *prestigio*, sem *poder*, sem exercitos para ser arbitro na questão das Carolinas.

E quem apresentou este alvitre, quem procurou o poder do Vigario de Jesus Christo para livrar duas nações, e talvez a Europa, de uma guerra? Seria alguma nação pequena, que não pudesse defender-se do inimigo? Seria algum rei *carola*, *fanatisado* pelos jesuitas, que procurara a egide do Papa para se livrar do rei poderoso, que com seus exercitos lhe calcasse os seus estados?

Não. Quem pediu a mediação do Papa foi o monarcha que mais glorias tem alcançado n'este seculo, o que mais tem dilatado seus dominios, o que mais bem organizado exercito possui.

Não. Quem pediu a mediação do Papa, foi o homem que ainda ha poucos annos calçou a França com o peso da sua cavallaria, e que a assolou com o rapido rodar da sua famosa artilheria.

Não, não foi um monarcha humilde, que pediu a mediação do Papa; foi o imperador-soldado que mandára os seus exercitos atravessar Paris, que viu rendidos a seus pés os soldados do 3.º imperio, e que recebem a espada do 3.º Napoleão, cuja vida lhe cedeu por *caridade*.

Não; quem pediu a mediação do Papa, foi o imperador da Allemanha, o homem que tem, por columna do seu imperio, Bismark e Moltk! Foi um rei protestante!

Sim, foi o imperador da Allemanha que affirmou, em pleno seculo dezenove, e á face de todas as nações, a existencia do Papado, mostrando que esse venerando Ancião, que occupa a cadeira de Pedro, é ainda o mesmo que na idade media servia do arbitro entre os grandes potentados, e que ainda hoje, Elle deve ser quem quebre as armas nas mãos dos contendores.

Para as nações catholicas que, não só não chamam o Papa para arbitro das suas questões, mas que até lhe negam o direito de possuir o que por seculos foi da Igreja; para os Estados, que, como Portugal, nem nas questões puramente religiosas querem o Pontifice por medianeiro, grande lição foi esta

que uma nação protestante lhes acaba de dar.

Louvemos a Deus, e agõra que no mundo politico se proclamou oficialmente a existencia do Papado, levantemos nós d'aqui um brado, que escutem os revolucionarios de cá—Viva o Papado! Viva o Arbitro e sustentaculo das nações, e o mantenedor da liberdade dos povos!

A REDACÇÃO.

SECÇÃO RELIGIOSA

Continuação da Pastoral de S. Exc.^a Rev.^{ma} o Snr. Arcebispo de Perga acerca do Santo Rosario

Ha na vida da Igreja certos momentos em que o calix de amargura, herdado de seu divino Esposo, parece trahbordar, e a provação parece attingir as proporções d'uma crise fatal. Ha na historia do Catholicismo dias luctuosos em que Christo parece quasi abandonar a victoria a seus inimigos, e deixar-se adormecer desfallecido na barca de Genezareth...

Taes são os dias presentes; tal é a crise actual. Assim o confessa e lamenta o Sancto Padre, ao presenciar com o coração confrangido de lancirante dor, as graves tribulações a que todos os dias está exposta a Igreja, e ao ver tantas almas que Jesus Christo resgatou, arrancadas á salvação pelo torvelinho d'um seculo extraviado e precipitadas no abysmo e na morte eterna.

Mas um lampejo de claridade suavissima vem sobredourar esta cerração angustiosa, e um balsamo vivificante derrama seus effluvios sobre esta dor pungente. O Vigario de Christo levanta os olhos, e descobre o vulto doce e majestoso de Maria! Ah! exclama Elle, eis a aurora da salvação! Que o mando invoque a Maria, e o mundo será salvo! Que a humanidade recorra á intercessão d'Aquella em quem Deus depositou a plenitude de todo o bem, o reservatorio de todas as graças, e a humanidade resurgirá, cheia de vida e crença, rica de gloria e ventura! Que as nações christãs busquem com ardor cada vez maior, a protecção da Virgem, e a Celestial Padroeira do genero humano escutará estas preces, e obterá que o Deus vingador dos crimes, inclinando-se á clemencia e misericordia, restitua ao mundo christão e á sociedade, depois de afastado todo o perigo futuro, o tam almejado socêgo!

Temos exposto, amados irmãos e filhos em Jesus Christo, servindo-Nos não raro das proprias expressões do Sanctissimo Padre, as razões que o moveram a decretar, por sua Veneranda

Encyclica *Supremi Apostolatus* dada no 1.º de setembro de 1883, que em todo o mundo catholico fosse honrada a poderosa Mãe de Deus, durante todo o mez de outubro, pela recitação do Santissimo Rosario, seguindo a sua propria inspiração e os exemplos de seus predecessores, que nas epochas mais difficéis para a Igreja, costumavam recorrer com um especial impulso de piedade á Augusta Virgem Maria e implorar o seu auxilio por meio de fervorosas preces.

A voz do Immortal Pontifice foi escutada com tam respeitoso applauso, e obedecida geralmente com tanto ardor e concordia, que se patenteou admiravelmente quão grande é a confiança universal no celeste patrocínio da Virgem Poderosa; e o Vigario de Christo confessou haver experimentado grande consolação com esses testemunhos eloquentes de fé e piedade, e haver d'elles haurido nova coragem para supportar, se a Deus assim approvesse, mais duras provações ainda.

Persistindo porém no anno seguinte as mesmas causas que haviam determinado o Successor de Pedro a excitar a piedade dos fieis, Resolveu Sua Santidade exhortar novamente o povo christão a perseverar na practica da devoção do rosario, e publicou em 30 de agosto de 1884 a encyclica *Superiore anno*.

Com idêntico fim e pelas mesmas razões, a Sagrada Congregação dos Ritos, por ordem do Soberano Pontifice, fez expedir em 20 de agosto ultimo um Decreto, que renova e estabelece d'um modo definitivo, emquanto durarem as tristes e angustiosas circumstancias que actualmente affligem o coração paternal do Pontifice Maximo, as mesmas prescrições ordenadas e observadas nos dois annos preteritos.

Com toda a razão. Porquanto, «já que os adversarios da Religião Christã, — como diz o Bispo dos Bispos, — dão provas d'uma grande obstinação no proseguimento de seus projectos, é necessario que por sua parte os defensores da Igreja mostrem não menor firmeza, lembrando-se de que os auxilios celestes e as graças divinas são ordinariamente o fructo da nossa perseverança.»

Para nós, habitantes d'este Reino Fidelissimo, accresce ás razões geraes e ao dever commum de honrar e louvar a Virgem Santa, a obrigação rigorosa e sagrada de Lhe manifestarmos a nossa viva gratidão pelo insigne e prodigioso favor com que a Padroeira Soberana de Portugal nos tem até hoje preservado do assolador flagello do *cholera-morbus*.

Quem não ha de render graças fervorosas á Clemente Virgem Maria por

este altissimo beneficio e visível penhor de sua maternal protecção?

Aproveitemos pois a opportunissima e excellente conjunctura do proximo mez do Rosario, para nos congregarmos juncto dos altares da Virgem, e Lhe offerecermos em commum o tributo de nossas preces, louvores e agradecimentos. Unamos nossos votos e nossas intenções ás intenções e votos do Chefe Supremo da Igreja Catholica.

E com igual confiança á que anima o Pai e Pastor universal, esperemos que Maria, a invicta triumphadora de todas as heresias, a gloriosa vencedora da serpe infernal, volverá benigna seus olhos misericordiosos para as necessidades da Igreja sancta de seu Filho.

Oremos com fervor e devoção, com perseverança e amor; e confiemos que a *Estrella do Mar* rasgará as nuvens procellosas, e fará surgir o clarão honnançoso! Consagrem s o mez de outubro á Virgem Santissima sob a invocação do Rosario; e Ella applicará a justa ira do Senhor, e fará que a Igreja, apoz os gemidos da tribulação, possa entoar jubilosamente o hymno do trimpho!

Em ordem á consecução d'este fim, e em harmonia com o que Deixamos exposto, Havemos por bem dispor o seguinte:

1.º— Todos os dias, desde o 1.º do proximo outubro até 2 de novembro seguinte, será publicamente recitado o Terço do SS. Rosario com a Ladainha Lauretana na Sé Cathedral, nas egrejas parochiaes e conventuaes d'esta Archidiocese, e (sendo possivel) nas capellas das Misericordias e outras que tenham por titular e orago a Virgem Maria Senhora Nossa.

2.º— Se esta devoção tiver logar de manhã, será feita antes ou depois da Missa, se de tarde, terminará com a benção do SS. Sacramento, que deverá ser exposto á porta do sacratio.

3.º— Muito desejamos e Recommen damos que, onde houver recursos e commodidade, se façam solemnidades religiosas e procissões em honra da Senhora do Rosario, para as quaes desde já Concedemos auctorisação, independente de licença especial, durante o mez de outubro.

4.º— Os Reverendos Parochos anunciarão aos fieis que Sua Santidade benignamente Ha concedido as seguintes graças espirituaes:— Sete annos e sete quarentenas de indulgencia aos fieis por cada vez que assistirem, nos dias determinados, á recitação publica do Rosario (ou, estando legitimamente impedidos, o recitarem particularmente), e orarem conforme as intenções do Summo Pontifice. — Indulgencia plenaria a todos que ao menos dez vezes fizerem publica ou (com causa justa)

privadamente este santo exercicio, e que, havendo-se confessado, se approximarem da Sagrada Meza Eucharistica.— Igual indulgencia plenaria e remissão de todos os peccados áquelles que, no dia da festa de Nossa Senhora do Rosario ou em algum dos oito dias seguintes receberem os Sacramentos, e orarem, segundo a intenção de Sua Santidade, a Deus Senhor Nosso e Sua Santissima Mãe.

5.º— Permittimos que possam differir-se estes piedosos exercicios, com as indulgencias declaradas, para o mez de novembro, onde e quando o exigirem os trabalhos agricolas.

6.º— Estas disposições ficam em vigor para os annos seguintes, emquanto não Mandar-mos o contrario.

E para que esta Nossa Pastoral chegue á noticia de todos, será remittida aos Reverendos Vigarios e Parochos d'este Arcebispo, que a devem ler e explicar á estação da Missa conventual no proximo domingo e em todos os do mez d'outubro, devendo ser registrada na fórma do estylo.

Dada no Paço Archiepiscopal d'Evo-ra, sob Nosso signal e sello, aos 22 de setembro de 1883.

(Logar X do sello.)

† AUGUSTO, ARCEBISPO DE PERGA.
Monsenhor Joaquim Augusto da Fonseca,
Secretario.

SECÇÃO SCIENTIFICA

Os cegos do entendimento

Lendo, com a attenção e o prazer que merecem e que excitam, os admiraveis *Esplendores da Fé* do sabio Moigno (padre e jesuita!), deparei-se-nos uma pagina por igual espendida, em que se explica d'um modo tam verdadeiro quam pittoresco a razão porque certos *lynxes* da sciencia moderna são absolutamente *toupeiras* perante a Revelação.

A nós os crentes, cuja intelligencia é illuminada pela fulgente luz da fé, custa-nos a comprehender como haja quem duvide do que se nos apresenta com os caracteres da evidencia, ainda mais, quem chegue a negar o que para nós é uma affirmação indiscutivel.

Pois ha d'essa gente, que não desdenha considerar-se a nata e flor da sciencia. Sel-o-á realmente, ou, em materia de religião, será antes a escoria e a lia da ignorancia?

Vae responder a esta interrogação o grande cultor da sciencia e não menos sublime propugnador da

fê. Ouçamos o que o illustre Moigno dizia a um dos tacs *lynxes toupeiras*:

«... Como muitos dos vossos confrades, quando se tracta da Biblia e da revelação, começaes por não querer saber nada, por condemnarvos a uma ignorancia absoluta da qual vos envergonhariéis noutra parte, mas de que aqui tendes orgulho, tanto não direi vos cega o odio, mas tanto vos colloca fóra dos limites da visão distincta a repulsão instinctiva de tudo quanto é sobrenatural! Como explicar, em vós e em tantos outros, esta repulsão do sobrenatural? D'um modo mui simples. Estaes mergulhado, afogado no natural, porque não haviamos de dizer na materia, como uma ave no ar, como um peixe na agua. O ar, a agua, o natural, o sobrenatural, são meios excellentes em si mesmos que bemdizem os entes destinados a viver no seu seio, e que maldizem os entes que são organizados, ou que se organizaram para viver em outro meio. Eis ahí o segredo do odio ao sobrenatural que vac avultando cada vez mais, e que deve fazer-nos tolerantes para com as pessoas, ainda quando detestamos as doutrinas.

«Quereis uma comparação que vos impressione mais? Bem sabeis que os órgãos que não exercem as suas funções se atrophiam: os peixes que vivem nos rios subterraneos das cavernas gigantesas do Kentuki não vêem; os olhos ficaram-lhes no estado rudimentar. O mesmo succede com os patos e os gansos que se criam nas profundezas inacessiveis á luz das salinas da Polonia. Vós collocastes-vos voluntariamente, pela fatalidade dos vossos estudos exclusivos, n'um meio em que não pôde alcançar-vos a luz da revelação; os olhos que exige a visão do sobrenatural atrophiam-se, e a precepção d'elle tornou-se para vós impossivel.

«Vêdes o artista que fez o vosso bom jantar, o relógio que vos regula o tempo, a locomotiva que vos leva pelo espaço, mas não vêdes o creador e organisador dos mundos. O que nos parece a nós mais simples, mais absolutamente necessario e certo, a existencia de Deus, dos espiritos bons e maus, da alma humana, dos sacramentos, dos milagres, a necessidade d'um culto, d'uma liturgia, etc., são para vós o que são as côres, tam boas todavia e tam bellas, para um cego ou ainda para um photophobo collocado sob a influencia de uma meningio—encephalite ou da inflam-

mação das membranas opticas. Sois cegos ou infermos, voluntarios muitas vezes, involuntarios algumas! Ao menceis não nos desprezeis; o cego e o infermo não teem direito de desprezar, nem sequer de lastimar o clarividente ou o homem com plena saude que choram com razão a triste sorte d'elles».

Não teem tal direito, é certo, mas tomam-n'o elles propios, e baseiam-n'o em sua balofa sciencia; e, atolados na materia, são viboras que silvam e mordem na lama do seu pantano para descargo da consciencia; são censores que teem a ignorancia da sua ignorancia, a qual é a peor de todas as ignorancias, se dermos credito aos orientaes.

É ridiculo o entono com que tacs homens fallam da sciencia, sobrepondo-a, ainda mais, contrapondo-a, á fé! Chamam-se a si mesmos livres pensadores, e pretendem tolher aos outros até a liberdade de pensar!

Não procedem assim os verdadeiros sabios; e ainda não ha muitos annos que o membro mais eminente e glorioso da Academia franceza das sciencias, o unico a quem a França, em rasão da originalidade, importancia e fecundidade das suas descobertas, concedeu uma pensão nacional, M. Pasteur, anathematisava, em nome da sciencia mais adiantada e verdadeira que ainda existiu, as doutrinas materialistas e atheias do seculo.

«O livre pensamento no sentido cartesiano, dizia, a liberdade no esforço, a liberdade na investigação, o direito de concluir sobre a verdade accessivel á evidencia e de conformar com ella o proceder, oh! tenhamos um culto para essa liberdade...

Mas o livre pensamento que reclama o direito de concluir sobre o que escapa um conhecimento preciso, a liberdade que significa materialismo e atheismo, essa repudie-mol-a com energia... E depois, a rasão não é tudo: ha ainda o sentimento; e o que ha de ser eternamente a força das convicções do homem de fé, é que os ensinamentos da crença estão em harmonia com os impulsos do coração, ao passo que a crença do materialista impõe á natureza repugnancias invenciveis!... Acaso, á cabeçeira do ente amado que a morte acaba de ferir, não sentis dentro em vós alguma coisa que vos brada que a alma é immortal? E' insultar o coração do homem o dizer com o materialista: *A morte é o nada!*»

Bellas palavras! Abençoada sciencia que, longe de repudiar a fé, se abraça com ella em intima união!

Como diz o eminente auctor dos *Esplendores da fé*, sempre que nos parecer pue entre esta e a sciencia ha antagonismo, concluamos ou que nos enganamos, ou que o erro está da parte da sciencia.

A. Moreira Bello.

SECÇÃO HISTORICA

Funestissimo fim dos perseguidores e inimigos da Igreja, desde Herodes até nossos dias

(Continuado do n.º 1)

XIII

Domiciano, imperador de Roma

(Morreu no anno 97 da era christã)

DELA morte de Tito subiu ao throno dos Cezares seu irmão Domiciano, que muitos historiadores affirmam se servira de veneno para ficar livre de irmão e senhor do throno. Isto não obstante o novo imperador deu mostras em principio de grande justiça e prudencia no governo, ditando leis acertadas para conter os governadores das diversas provincias do vasto imperio; porém a desconfiança e a crueldade que tanto o caracterisavam, em breve o fizeram igual a Nero e Caligula.

Não podia furtar-se á lei geral dos imperantes, que, salvas honrosas excepções, são todos inimigos da Igreja. Vejamos a historia, compulsemos a de todos os tempos e de todos os povos, e lá veremos que os imperantes, ainda que em pequena cousa, são quasi todos inimigos da Igreja. E porque? porque a Igreja é o poder supremo na terra, a Igreja trabalhou, trabalha e trabalhará sempre por enfrear as paixões, por servir de escudo aos pequenos, por fulminar os que se servem dos altos cargos para opprimir, para espesinhar, para calcar os povos; são por isso os imperantes, se não teem fé e crença n'uma vida futura, despotas e tyrannos.

Ou se chame Nero ou Napoleão, Henrique VIII ou Victor Manoel, se a thiara pontificia lhe faz sombra, toda a sua cholera, se volta contra o Vaticano. Desde S. Pedro até Leão XIII todos os Pontifices teem sido guercrados pelos desptos que representam a realza sem Deus.

Assim Domiciano, aproveitando-se d'uma pequena revolta, capitaneada por Antonio, governador da Germania, decretou logo a morte, a deportação e confiscação de bens, contra os mais altos personagens da corte e do imperio, e mesmo contra os seus parentes mais proximos.

E com a crueldade de suas leis fazia parêlhas a devassidão do seu viver privado, chegando a viver com uma sobrinha como que fosse sua propria mulher, e tão dissoluto se tornara que todos o apontavam como um monstro, que calcava todas as leis da natureza. São assim todos os inimigos da Igreja e do Vigario de Jesus Christo na terra. Ainda hoje, distante tantos seculos de Domiciano, nós vemos os homens que mais guerra fazem à Igreja, atolados no lodo immundo de todas as paixões, desprezando todas as leis, não obedecendo a nada que não seja a sua vontade. A Igreja condemna o seu viver criminoso; os padres pregam-lhe a lei de Deus, que os manda ser virtuosos, obedientes às leis divinas, amigos do proximo, e por este facto, por esta opposição à sua vontade, decretam guerra à Igreja, e à morte os padres. E são elles os deuses, elles os senhores. Abaixo de si toda a humanidade; acima ninguem, nem Deus. Era assim Domiciano, o dissoluto; são assim os domicianos de hoje como aquelle dissolutos tambem.

O tyranno de que nos occupamos, tinha como os tyrannetes de hoje, medo a tudo que o rodeava. Quem não fosse infame como elle; aquelles que não bebessem pela taça onde elle libava todos os prazeres immundos, eram seus inimigos, e por inimigos do imperio os havia.

Os catholicos, esses typos formosissimos dos primeiros martyres, que levavam uma vida santa e innocente em meio da corrupção que apodrentava o imperio romano, eram os maiores inimigos do despota, que se repotreava cobarde, nos purpuros cochins da realza; temia que elles lhe roubassem a coroa, e decretou contra elles perseguição sanguinolenta. Foi n'esta perseguição que gozaram o martyrio Flavio Clemente primo do monstro imperial, sendo o unico crime o haver-se convertido ao catholicismo, e no mesmo decreto de extremínio foi incluída toda a familia, sendo decapitados os creados Nereo e Aquileo. O Papa S. Cleto foi martyrisado tambem no tempo de Domiciano.

Segundo Tertuliano, foi accusado perante o tyranno S. João Evangelista, que o mandou lançar n'uma caldeira de azeite fervente, da qual se livrou por um milagre. (1)

Os despotas do seculo actual, ferozes como os dos primeiros seculos da Igreja, empregam, como elles, todos os meios para opprimir os catholicos, e se não podem tirar-lhe a vida, roubam-lhe a honra, deprimem-lhe a reputação. Assim que se ouvir maldizer a Igreja; quando os prelos rangerem para calumniar a virtude, para morder na vida do sacerdote exemplar, procure-se o autor de tudo isso, e achar-se-ha o homem dos bordeis, o frequentador dos lupanares, o freguez assiduo do altar de Bacho. Ha ahi o homem infame, indigno de viver em meio de um povo culto e que só procurará o viver commodo e sem trabalho, á custa mesmo de todos os atropellos.

Mas Deus não dorme, e o crime é, mesmo na terra, punindo a maior parte das vezes. Assim Domiciano, que se comprazia em brincar com uma creança para se distrahir, um dia em que d'ella se esqueceu, fez que nas mãos da innocencia caísse um papel onde o malvado tinha notado os nomes das pessoas que haviam ser mortas ou deportadas. Esse papel foi depois parar ás mãos da imperatriz, que viu, com grande pasmo, o seu nome na cabeça da relação.

Travou-se a lucta, e a conspiração formou-se. Os conspirados, á testa dos quaes estava a imperatriz, prepararam-se e esperaram occasião opportuna.

Esta não se fez esperar, e nem podia esperar-se, porque o tempourgia. Um dia, quando o Imperador se achava só nos seus aposentos entrou n'elles um liberto, chamado Estevão, e, a pretexto de lhe entregar uma carta, cravou-lhe um punhal no ventre. Aos primeiros gritos acudiram os conjurados e acabaram-lhe com a vida. (1)

Para maior castigo de suas crueldades, o Senado, por um decreto, privou de sepultura a este monstro, que deixou o seu nome na historia escripto com sangue.

Caso digno de notar-se! todos os inimigos da Igreja teem um fim mau, todos uma morte desesperada, todos a ultima hora atormentada!

E os catholicos, os que os des-

potas antigos e os estupidos modernos fazem soffrer, morrem fitando a luz, veem abrir-se-lhe as portas da celestial morada.

Sejamos bons, virtuosos; usemos a caridade para com o proximo e façamos todo o bem que poderemos, e a victoria será nossa. E sobre tudo peçamos a Deus que nos deixe rir dos nossos inimigos.

(Continua)

T. G. de E. Frias.

Coisas! Coisas!



A PALAVRA, em seu numero de 22 de outubro, transcreve, com grande aprasimento, de um seu collega de Lisboa, que se denomina *O Clero Portuguez*, um artigo sob a epigrapha *Quadros capitulares*. no qual não sabemos se o collega da *Palavra* lastima a falta de conegos, se o não haver sido feito conego. Mas seja o que o collega da *Palavra* quizer; nós transcrevemos do dito artigo o seguinte apenas:

«Mas, se o sacerdote catholico portuguez é um elemento necessario d'ordem publica, se presta á sociedade civil relevantes e incontestaveis serviços, se é devotado ao legitimo progresso da sua patria: porque é que em vez de o considerarem, lhe recusam a remuneração consentanea a esses serviços e condigna aos seus merecimentos!»

O collega da *Palavra* não sabe porque é que não consideram o clero? Não o sobe?

E' por haver padres, que tanto são redactores do *Diario da Manhã*, de parceria com o sr. Pinheiro Chagas, com o homem que despe de portarias insultando os Bispos; como do *Clero Portuguez*, onde se pretende defender a classe mais respeitavel da sociedade.

Assim que o clero for todo como muitos padres que conhecemos, que são verdadeiros ministros da religião santissima de Jesus, verá o collega da *Palavra*, o *Clero Portuguez*, como o padre é respeitado, e tido na devida consideração.

Não sabia o jornal lisbonense, collega da *Palavra* esta verdade? Pois fica sabendo-o, e, se n'ella meditar, não terá de que se queixar.

(1) De Praescrip. Haeret, cap. LVI.

(1) Anquetil: Compendio de Historia Universal, tomo V, pag 109.

Não sabemos para onde nos voltar-mos. Se damos ouvidos aos jornaes de todos os feitios e de todas as cores revolucionarias, temos de concordar que apenas o liberalismo ou a revolução appareceu em Portugal foram as trevas da ignorancia espancadas, e que, ao tran-

a instrucção patrimonio unicamente dos favorecidos da fortuna, e a miseria campeando por toda a parte. Dava-nos ha dias o *Jornal do Commercio*, de Lisboa, a seguinte tristonha noticia, que bem prova o estado do nosso paiz:

«*Vergonha.* — A sr.ª professora

ca, esmolando o pão de cada dia.»

Quem dera um convento aos povos de Cea, para n'elle encontrar mestres de graça para os filhinhos! E quem dera á infeliz senhora, que vac esmolar para comer, a portaria d'um convento, onde tivesse farta ração, que á fome a roubasse, rou



O DILUVIO

car as portas dos mosteiros e dos conventos, raiara o sol da instrucção popular, desaparecera a miseria, e os sabios, e os ricos foram encontrados em toda a parte onde uma botinha janota, ou um tamanco aldean tropessassem. Se fictamos a realidade, se observamos o quadro na sua medonha nudez, vemos

da freguezia de S. Romão, concelho de Ceia, cuja sorte lamentamos, declara no jornal «Os funcionarios Publicos» que, não possuindo outros meios de subsistencia além dos seus honorarios e não lhe sendo pagos, se vê a braços com a miseria, e resolvida a abandonar a escola para recorrer á caridade publi-

bando-o á vergonha de pedir uma esmola! — Viva a *liberdade!*

Ao que parece houve ha dias no Porto festa de espanto, ao inaugurar-se o Ateneu Commercial. E' bom, é magnifico, que todas as classes da sociedade se associem, se fortaleçam pela aggrêmiação; não condemna-

mos, antes louvamos um tal feito.

Como era de esperar não faltaram discursos, e d'um d'elles nos deram conta os jornaes, pronunciado pelo snr. P. J. Patrocínio. A gazeta onde lemos o discurso não nos diz se era padre o discursante, mas, quer-nos parecer que não foi outro que o Snr. Padre Patricio. Se nos não enganamos vamos apresentar alguns reparos a S. R.^{ma} embora a *Voz do Christão* nos apode de maldiscentes de sacerdotes dignos.

«Na vida da raça latina, disse o orador, ha tres factos importantes de grande orientação. — Um só imperio! — dizia Roma, estendendo as suas legiões nos campos de batalha, — Uma só consciencia! disse o Christianismo enviando apóstolos a todas as nações; — Um só direito — disse finalmente a revolução franceza espalhando na vida dos povos as suas idéas! «De tudo isto vemos hoje que passou o imperio que se firmava na força; mas permanecem, vivissimas, a força da consciencia que nobilita o homem pela moral e o sublime das idéas que illustram os povos modernos com o conhecimento do direito e com a garantia da liberdade.»

Então, snr. Padre Patricio (se é que é), a *força da consciencia que nobilita o homem pela moral, e o sublime das idéas que illustram os povos modernos, com o conhecimento do direito e com a garantia da liberdade.* não é tudo devido ao Christianismo, a essa Religião santissima, que fez pedaços as algemas que peavam a humanidade, e que doou ao homem a liberdade? Foi necessario, para que o homem tivesse direitos e liberdade, erguer cada-falços, regar com sangue a Europa e cobrir de cadaveres a França?

Nós estávamos na certeza de que a liberdade foi doada ao homem por Jesus Christo, pelo Filho de Deus; mas o snr. Padre Patricio (se é que é) diz o contrario.....

«A nossa historia, (continua o astro) embora isto pese aos fanaticos apóstolos do retrocesso, a nossa historia é das aspirações liberaes!»

Apostolos do retrocesso chama-se por ahí ao Papa, aos Bispos, padres, aos catholicos em geral; será a esses que se refere o snr. Padre Patricio? E as aspirações liberaes, serão esses que Pio IX, de saudosa memoria, fulminou no Syllabus? Quando poder, Rev.^{mo} orador, n'um bilhetinho, pelo correio, respondanos, sim?

Depois o snr. P.^o Patricio diz que o sol da liberdade que guiava

os crusados nas campanhas contra Mahomét, foi o mesmo que guiou os conjurados de 1640, os guerreiros do Bussaco e o duque de Bragança desde o Mindello até Évora Monte.

Não concordamos que o mesmo sal, impelisse os cavalleiros da cruz contra as hostes de Mahomét, que accendesse o brio nos peitos dos conjurados de 1640, que desse forças ás luzas falanges para no Bussaco obrigar as aguias francezas a levantar vôo, que levasse o duque de Bragança do Mindello a Évora Monte. Não, não, senhor, não concordamos.

Os cavalleiros que combatiam contra Mahomé faziam-n'o pela Igreja, pela religião, pela civilização; os conjurados de 1640, pelejaram para readquirir uma patria; os guerreiros do Bussaco compraram a liberdade. E o duque de Bragança, desde o Mindello até Évora Monte, pelejava contra a Igreja, contra a Patria, e contra a liberdade. Contra a Igreja porque fazia da casa de Desus cavalhariças e quartéis de tropa; contra a Patria, porque arrasava mosteiros, tirava ao povo a instrução, e ao pobre a caridade; contra a liberdade, porque tirava contra vontade o seu a seu dono, peava a liberdade de consciencia e mandava pôr no olho da rua os donos dos conventos, os senhores d'essas casas que eram um protesto contra a tyrannia dos oppressores dos povos.

Não concordamos, francamente, snr. Padre Patricio, e nem atinamos como dos labios de um padre, saiam taes palavras.

Um leitor de Gazetas.



Carta a uma amiga

Querida Conceição minha

Já não é sem tempo que vou cumprir o meu dever participando te a minha chegada a esta freguezia, mas confiada na tua bondade espero me desculparás por esta vez; e já que tenho occasião quero contar-te o que passei com um individuo durante a viagem

Fallando eu com meu primo respeito dos exames e das meninas do Collegio Inglez, interrompeu-nos o tal sujeito com o seguinte dilate:

—Dar-se-ha o caso de que esta snr.^a seja alguma freira do tal Collegio Inglez? O ladrão d'esta descoberta, o que inventou as freiras não sei que mereceria...

Não respondi ao pobre homem; con-

tinuei, derigindo-me a meu primo:

—Eu admiro os Philosophos que fazem algumas descobertas no mundo physico; mas rio mo dos seus vôos esforços, quando elles tentam explicalas. Elles não me contam senão fabulas, mais ou menos engenhosas; o meu espirito não busca senão verdades: sómente o Auctor de uma machina conhece as suas mólas.

E entre mim e o desconhecido travou-se o seguinte cavaco:

—«A snr.^a não julgue que eu sou philosopho; mas tenho lido a Biblia, e não encontro n'ella, que seja conveniente haver freiras.

—Eu não acredito que o snr. tenha lido a Biblia; mas sim o que é contra ella, o desejava que estes espiritos fortes dos nossos dias estudassem a Religião Christã, não nos livros dos seus inimigos, que tem interesse em a desfigurar, mas n'ella mesma, e em suas fontes. Se elles tem o valor de fazer este esforço, eu espero do seu juizo que a aversão que elles hoje lhe testemunham não tardará a mudar-se em amor, respeito e afeição. Nas sciencias humanas, quanto mais se profunda, mais difficuldades se acham, mais se duvida. Na Religião pelo contrario, quanto mais se estuda, mais se descobre a verdade; porque ella é inimiga da verdade e tem por inimigos, a impiedade, e a suprestição.

—Eu já sabia que os religiosos, e religiosas tem por gloria especial o fazerem conversões, e parece que V. também se quer honrar com a minha. o que lhe não será difficil porque eu nem sou impio, nem atheu.

—O homem ainda que peccador, não nasce impio; mas faz-se pela corrupção dos costumes. Em todo o tempo as trevas foram a consequencia, e castigo da voluptuosidade. O voluptuoso não vê, nem considera os objectos senão pelos sentidos; julga das cousas como deseja, que ellas sejam, e não como ellas com effeito são. Seu espirito é enganado por seu coração. A cubica sem freio attrahe tudo para si até o nosso modo de pensar. A irreligião tambem vem da mesma origem que o atheismo: a libertinagem do coração é mãe infeliz d'uma, e outro. São incredulos, porque o quererem ser; e querem-no ser, por ser este o interesse das paixões. Procuram suffocar em si as idéas do Religião para não serem perturbados em seus prazeres pelos remorsos.

—Parece-me, disse com modo escarnekedor — que sempre estou resolvido a meter-me frade, e a seguir essa religião apesar de não a conhecer, senão pelas observações que me apresenta.

—O snr. deve saber que todas as obras do Creador estão marcadas com o cunho da incomprehensibilidade: el-

las tem um lado luminoso, que nos assegura a sua existencia, e um lado tenebroso, cuja profundidade, a razão, a mais aguda, não pode penetrar. Nós vemos os jogos da natureza; mas ignoramos as suas mólas. Aquelle que tenta o impossivel não merece senão asubios; e o querer comprehender o incomprehensivel será mais razoavel? Ora é este precisamente o caracter dos espiritos-fortes. O Philosopho christão sabe ignorar aquillo que não deve saber; posto na borda do infinito, não ousa penetral o, com medo de ser submergido na sua profundidade. Que é o universo? E' como uma esphera immensa, cujo centro está em tola a parte, e a circumferencia em parte nenhuma. Que é a terra? um atomo do universo. Que é o homem? o filho da terra, o neto do nada..... Ora como pode ser, que este nada, este oução seja susceptivel de tanto orgulho? «Entre-mos em nós mesmos, sondemos nossa baixeza, dobre-mos nossa curiosidade debaixo do jugo da fé; a salvação e transporte sobre a vaidade; o não saber nada contra o que não se deve saber, é saber tudo.» Toda a curiosidade, é fóra de lugar depois de Jesus Christo, toda a indagação é vã depois do evangelho: quando a verdade fallou, já não ha que duvidar; a duvida então é um crime.

—Vá; falla-me tanto da religião, que parece ter algum interesse que eu vá tambem para frade; pois persuade-se que só os religiosos, ou religiosas são pessoas de bem, e que todos os outros que o não são, que estão perdidos?

—Em tudo o que lhe tenho dito não é para o convencer de que só os religiosos possuem a verdadeira felicidade; porque nem todas as pessoas podem, nem devem seguir a vida religiosa; mas é o snr. que entende, que a palavra religião pertence só aos religiosos. A beleza moral da nossa Santa Religião tem um typo muito sublime, que é o proprio filho de Deus; e este, com quato seja modelo a que se pode aspirar, mas nunca attingir, impoz a todos o que é preceito:... guarda os mandamentos; e para os que procuram a perfeição, é que deixou os conselhos evangelicos de pobreza, obediencia, castidade.

Se queres ser perfeito, vae, vende o que tens, dá-o aos pobres... e segue-me (S. Math. cap 19. v. 17 e 21)

—Mas, minha senhora, como posso seguir eu esse Deus que não existe; pois ha tantos seculos que foi morto pelos judeus?

—O temerario que ouza atacar tão insolentemente a existencia de Deus, não pensa, que elle não exista; mas desejalohia, para viver mais tranquillo em seus excessos. Um criminoso não ama

o juiz, que deve condemná-lo; querelohia aniquillar. Não ha Deus: esta horrivel blasphemia não é um erro do seu espirito, mas um desejo do seu coração. As trapáças dos Atheus nunca farão admiração a quem examinar a origem d'ellas.»

Minha querida amiga, não nos admiramos de vêr a Religião atacada; seus inimigos começaram com ella; ella tem sido sempre o objecto da sua inveja. Abel que agradava ao Senhor por sua piedade, foi morto por seu irmão. Conceiçãozinha: o tal indeviduo parece que hia de proposito para me importunar, e ouvir a minha importunação; porque apoz breve silencio continuou:

—«Os estudos do Collegio Inglez sempre trazem V. muito enganada, e illudida, a ponto de seguir um systema de religião tão odiado, e contradicto por todos.»

—As contradicções que tem experimentado a Religião Christã desde o seu principio, não formam prejuizos contra ella: porque ella não tem sido contradita senão com perseguições, e supplicios, e nunca com razões, e se o snr. a conhecesse, desde já deixaria de a odiar. A Religião Christã, firme, e inabalavel em seus fundamentos tem sempre sahido victoriosa nos combates que se lhe dão. Ella não teme o exame dos sophistas. Os Porphirios, os Celsos, os Plotinos.... tem inutilmente esgotado contra ella todas as suas subtilezas: Bayle, Voltaire, Jean-Jacques-Rousseau.... não são senão uns reus fastidiosos echos. Ella despreza a violencia de seus inimigos; os imperadores por mais tres seculos embotaram sua espada sobre ella sem o successo desejado; o sangue de seus filhos, disperso por todas as partes, tem-na feita mais fecunda. Sempre superior aos esforços impotentes do espirito libertino, ella olha ainda hoje com piedade para essa multidão tenebrosa e desprezivel de litterarios rebeldes contra ella, como um exercito de toupeiras, que tem loucamente conspirado para destruir o Templo de Jerusalem. Que pode temer uma Religião, que tem por apoio Aquelle mesmo que pôz os fundamentos do Universo? Em vão se forjam systemas, se senão põe a Religião por base. Ella é alma dos imperios: sem ella não são senão edificios feitos no ar, que os ventos das paixões agitam incessantemente, e por fim destroem.»

Minha boa amiga; assim como o sol faz que todos os entes floresçam, e se desenvolvam cada um na sua especie, tambem eu, e o tal pobre de espirito n'aquelle dia desenvolvemos cada um as suas ideias.

Querida Conceição, tu bem sabos,

que quando escuto assim uns taes concertos, costumo responder-lhe com um silencio indiscreto; mas n'aquelle dia, apezar de eu ser muito pobre de pensamentos, e dotada de fraca intelligencia, pensei que seria uma grande cobardia se ficasse silenciosa, e é por isso que, não me podendo conter, sahi fóra dos meus limites, como vês; mas satisfizo o meu parecer.

Longas vão já, amiga minha estas linhas, e para não abusar da tua paciencia reservo o mais até quando possa abraçarte a

Tua sincera amiga

Julia Aurea Alvares de Moraes Guerra

Alumna do Collegio Inglez

SECÇÃO ILLUSTRADA

I

Depois do Terço

 Formosa, joven, rica e dotada de todas as graças que agradam ao mundo, a sympatica dama cujo retrato occupa a primeira pagina do *Progresso Catholico*. Em volta em custosas roupagens orladas de não menos custosas peles, passava ao fim da tarde n'um dos sitios mais frequentados de uma cidade da provincia, mui contrariada por perder a hora da partida do comboyo. Senhora do grande mundo, pouco se encomodava com as cousas da Igreja, sem que deixasse de assistir á missa nos dias de obrigação. Na tarde de que fallamos, fria, porque dos primeiros dias de novembro, despedira a carroagem e entrara n'uma igreja, por ouvir repicar os sinos e vêr caminhar o povo para a casa do Senhor. Estava zangada, e por isso entrou no templo.

Principiava a devoção do terço do Rosario, e a nossa dama ajoelhara-se, e ajoelhada esteve até ao fim, notando-se que, quando o povo, depois da bênção do Santissimo Sacramento, entoava o *Bemdito e louvado seja*, a formosa dama cantou tambem, e ao sair, sem se lembrar de que mandara o creado esperal-a em casa de uma amiga, dirigiu-se para o seu palacete pensativa, descuidada, como a nossa gravura a representa.

Chegando a casa escreveu o seguinte bilhete, que mandou por um creado:

Querida A.

Não contes com a minha companhia

como te mandei dizer ha pouco, paravam com o enorme pezo de tanta passar a noite; não posso hoje ter outras distracções que as que me fornece meu pensamento. Venho da igreja de... onde assisti no terço do Rosario. O meu espirito não sabe explicar a emoção que me vac na alma, o praser que senti em quanto estive alli, em meio do povo tão feliz, tão contente ojoelhado onde eu raras vezes me ajoelho.

Aquelle cantico, aquella harmonia de voses, eccoando nas abobadas do templo, e abafando o ruido que cá ia fóra, impressionou-me de tal maneira, fez-me tanto bem, minha querida A, que não mais deixarei de assistir a tão poetica devoção. Pena tenho de que faltem poucos dias para a sua conclusão, mas esses poucos aproveital-os hei, e de Deus espero perdão pelo tempo que tenho perdido. Adeus, abraça-te a tua M.»

E não faltou; todos os dias, antes do repicarem os sinos, a joven senhora estava de joelhos diante do altarmór da igreja de... e no dia em que se encerraram os santos exercicios vimol a receber o Pao dos anjos com fervorosa devoção.

Ora aqui está o fructo do *fanatis* mo de Leão XIII!

II

O diluvio

Vá mais esta para provar as tendencias do *Progresso Catholico* para o retrocesso, para os primitivos tempos

Um dia a ira do Senhor, voltou-se contra os homens, e tudo ficou envolto nas aguas. Noé, unico homem digno da divina clemencia, foi salvo porque, por mandado do Senhor construiu uma arca na qual entrou com seus filhos, sua mulher, e as mulheres de seus filhos com elle para se salvarem das aguas do diluvio (1)

Principiara então a chover, as cataratas do ceo, as fontes, os rios, tudo despejou agua por quarenta dias, e o mar embravecido, impedindo a entrada das aguas, desbordava por toda a parte, levando o terror e o espanto a todos os povos da terra. E os que não creram nos avisos do Senhor, os que continuavam uma vida de crimes, sentiram então o poder de Deus e pediram misericordia. Era tarde porém para obter perdão!

E os mais ousados, aquelles para quem mais cara a vida era foram procurando refugio nos pincares das seras, e alli, onde se julgavam seguros, trepavam ás arvores, que, quando o abysmo era mais medonho, se quebra-

va, despenhando-a ao meio das ondas que a levavam em medonho torvelinho.

A nossa gravura dá edeia fraca, mui fraca d'ossa scena estupendamente horrivel, quando milhares de pessoas de todas as edades e sexos, se mesclavam com os animaes até então feroces, procurando abrigo ou amparo na crista de uma montanha. Ha alli as mães abraçadas aos filhinhos procurando salvação no tronco do roble ha pouco lascado, ou boiando á mercê das ondas sobre esse mar immenso que cobria o mundo! E ao bramir das aguas, despenhando-se de onvolta com milhares de corpos humanos, juntava-se o estrepito do trovão, e o crusar do raio no espaço, quebrando as arvores seculares e juntando um mar de fogo ao mar immenso de aguas que engulhia toda a criação.

A nossa gravura é trabalho de Gustavo Doré, e mostra, ainda que com côres pallidas uma das scenas d'essa grande tragedia em que pereceu tudo o creado, excepto Noé e sua familia e as aves e os animaes que o Senhor quiz conservar.

Meditemos n'este grande quadro e temamos ao Senhor, que outro igual castigo pode mandar ao mundo, no qual pereçam não só os que blasphemam de seu santo nome, mas os que mais acreditam em sua omnipotencia.

R.

SECÇÃO NECROLOGICA



SEM apontamentos nem conhecimento da sua vida, mas só pelo facto de terem sido assignantes do «Progresso Catholico», vimos hoje pedir as orações de todos pelo eterno descanso das almas dos seguintes leitores da nossa Revista, cuja morte só agora nos foi communicada:

Os Snrs. João Pepino, de Oliveira do Bairro; Thomaz d'Avila Boim, de Ponta Delgada; Joaquim Antonio de Oliveira Flores, medico em Villa Nova de Ourem; e Padre Manoel da Silva Cruz dos Santos, de Bougado.

Assignantes do «Progresso Catholico», catholicos eram com certeza, e então, leitores, de joelhos e offertae-lhe a costumada prece, como suffragio por suas almas.

RETROSPECTO DA QUINZENA

APESAR do frio, porque aqui, n'este jardim de Portugal, em novembro já ha frio. já a neve branqueia os telhados e alveja por sobre a relva; apesar do frio, dizemos, tivemos muitas visitas, principiando por a de um ecclesiastico que ainda não conheciamos pessoalmente, apesar de lhe sermos devedor de muitos serviços.

Esta primeira visita foi do Revd.^{mo} Snr. Padre Miel, Superior dos Congregados das missões, ou Lazaristas. Imagine-se a nossa alegria, ao ter em nossa casa o chefe d'essa pleiade de missionarios, que tantos serviços tem prestado aqui mesmo em Portugal.

Acompanhava-o o Revd.^{mo} Director do Collegio de Santa Quiteria em Felgueiras.

Tivemos tambem a visita do conhecido missionario o Revm.^o Snr. Padre Zeferino Machado Borges de Azevedo, e do Revm.^o Snr. Padre José Joaquim Fernandes da Costa, Padre Antonio Joaquim da Costa Magalhães e do Ill.^{mo} Snr. Manoel Dias da Silva Carneiro, nosso bondoso correspondente em parte do concelho de Santo Thyrsó, a quem devemos em parte o grande n.º de leitores que alli tem o nosso humilde quinzenario, e a quem o culto ao Santissimo Coração de Jesus alli deve tambem muito.

Já veem que não fomos esquecido, e porisso aqui deixamos notado o nosso reconhecimento.

Por termos para o lugar de honra da nossa folha a Pastoral de S. Exc.^a Revd.^{ma} o Snr. Arcebispo de Goa, Primaz do Oriente, approvando a «Historia Verdadeira da Inquisição, deixamos para o proximo n.º a Carta honrosissima que recebemos do Exc.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Bispo de Angra, e que muito agradecemos ao venerando Prelado Açoriano, por se servir do «Progresso Catholico», para agradecer as espontaneas manifestações que por toda a parte se levantaram contra os inimigos de S. Exc.^a Revd.^{ma}

Os typos tem diabruras endiabradas.

No soneto publicado em o n.º 23 do 7.º anno, verso 6.º onde se lê—mensagem, deve ler-se—menagem.

E no soneto 3.º, verso 3.º, publicado em o n.º 1 do corrente anno, onde se lê—falsa, deve ler-se—fallaz.

São uns typos estes typos!

(1) Genesis, cap. VII, 7.

Adherem ao protesto que se tem aqui publicado contra o infame *Athleta*, que insultou o Exc.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Bispo de Angra:

Maria Antonia Nogueira, Leulinda Monteiro Ozorio, Modestia da Paixão, Manoel Lopes, Maria Candida, Joaquim Saraiva, Maria Adelaide, Carolina d'Almeida, Maria de Souza, Francisco Alves, Maria Amelia da Silva, José Joaquim da Silva, Antonio Joaquim da Silva, Pedro Bernardo de Souza, Antonio Bernardo Souza, Joaquim Bernardo de Souza, José Bernardo Souza, Thomazia de Souza, Antonia Mendes, Maria Emilia, Maria da Conceição, Antonio Pedro, João Pedro Pereira, Antonio dos Santos, Henriqueta de Jesus, João Christovão, Maria da Conceição.

D. Maria da Conceição Metello Pacheco e Luiz Metello Pacheco, José Metello Pacheco, protestam com os seus familiares José Antonio dos Santos, Rita de Jesus Victoria e Maria Rosa, José Alberto dos Reis, Bernarda Ascenção Getrudes Paciencia, José da Fonseca, Alberto dos Reis, contra tudo que não seja em favor da nossa Santa Religião Catholica Apostolica Romana.

Loduvina Rosa igualmente protesta assim como Manoel Ginja da Roda.

E Anna de Souza Andrade, Amelia de Sá Ozorio Leitão, Manoel de Sá Ozorio Leitão, Maria da Silva Cabral, Adelaide da Costa, Luiza da Costa.

(Da Beira Alta).

Na terça-feira 3 do corrente encerrou-se a devoção do Mez do Rosario na igreja da Misericordia.

Assistimos a esta festividade de tarde e saímos do templo com a alma completamente cheia, satisfeita.

Do côro não revoavam as harmonias de grande orchestra nem afamados maestros exibiam alli o seu talento musical. Ouvia-se o som do orgão, d'esse instrumento que tão bem se casa com o canto da Igreja, e junto com elle um côro, como que composto de anjos, que descessem do Ceu para glorificar Aquella que na Patria dos bemaventurados é Rainha sua.

Nada mais bello, mais surpreendente, mais arrebatador, do que um côro de Virgens entoando hymnos á Mãe de Deus, e Rainha de todas as Virgens.

Ao *Jenitori* cantou um solo a Ex.^{ma} Snr.^a D. Emilia Chaves, que nós deixou como havia deixar todo o auditorio arrebatado, e sempre aquella voz arrastando todas as outras para o campo da arte, mas da arte cultivada em honra de Deus. Porque não basta cantar e cantar bem, é necessario cantar, mas que esse canto seja inspirado pela fé, por esse sentimento que fez os martyres dos primeiros tempos da Igreja,

que tem feito os heroes de todos os seculos, e que é ainda hoje quem faz os grandes genios.

Saudamos d'aqui as maviosissimas cantoras e muito especialmente a Ex.^{ma} Snr.^a D. Emilia Chaves, a quem Guimarães deve a posse de uma *troupe* de senhoras que são o enlevo de todos os vimaranenses que frequentam as egrejas.

No dia 8 pelas 4 horas encerrara-se a mesma devoção da igreja de S. Sebastião, com uma grande concurrencia de povo, havendo *Te-Deum-Laudamus*, e sermão, prégado pelo Revd.^{mo} Parocho, José Fernandes Guimarães.

Isto além dos exercicios que todo o mez que ainda n'este dia se fizeram.

Officiou o nosso am go Padre Antonio Joaquim Teixeira, acolitado por mais dois sacerdotes, de capas e com a assistencia de outros membros do clero.

A musica era do nosso amigo o Snr. Lucini Fernandes da Trindade que nos dizem se prestára com a sua orchestra gratuitamente para abrilhantar esta festa.

O templo estava repleto de fieis, e o orador desfolhou virentes rosas em honra da Virgem do Rosario.

Damos por tudo mil parabens e agradecimentos ao nosso parocho e amigo.

Para os que chamam retrogados aos que fazem procições e vão em devota peregrinação a qualquer santuario, deve servir a seguinte noticia, que dá uma ideia do que seja a tolerancia do protesantismo em Inglaterra, tolerancia bem melhor que a *protecção* concedida pelos poderes do Estado, em Portugal, á Igreja:

Em dia de S. Eduardo, diz um periodico de Londres, grande numero de catholicos, depois de assistirem a uma missa cantada, dirigiram-se em peregrinação ao sepulchro do santo confessor, que se conserva na abbadia de Westminster.

Pouco valor teria esta noticia, e nada provaria a favor do crescente movimento catholico na Inglaterra, se não se soubesse que ha poucos annos os protestantes tinham uma guarda dia e noite junto do sepulchro, para evitar que os catholicos se aproximassem de elle.

E para os que veem o catholicismo a fugir de todas as nações, e a descrecer em todas ellas, tambem é bom saber-se que na Suissa ganha terreno cada dia a religião catholica, e que na assembleia recentemente reunida em Zurich, e que era composta de mais de 200 catholicos, se apresentou a estatistica dos progressos do catholicismo n'aquelle cantão, pela qual se conhece que em 1810 houvera em Zurich 6 baptis-

mos, 2 matrimonios e 4 interros catholicos, e que em 1884, se realisaram 466 baptismos, 107 matrimonios, e 188 enterramentos!

Já é afroixar uma religião!

Seja dedicada aos jornalistas portuguezes, que só sabem noticias hostis á Igreja, a noticia que vae ler-se:

O virtuoso prelado ha pouco fallecido, Monsenhor Mac-Closkey, Arcebispo de Newa York, foi creado Cardeal a pedido do protstante presidente da Republica, para assim ver galardoados os serviços prestados pelo notavel Prelado, e a allocação de Sua Santidade no Consistorio que creou o novo Cardeal, foi publicada em Newa York por todos os jornaes de mais importancia, no mesmo dia em que S. Santidade a pronunciára em Roma.

A transmissão telegraphica da dita allocação custou alguns milhões, que se juntaram por meio de uma subscrição onde figuram muitos protestantes!

Comparado isto com o que fazem os jornaes de cá!...

São de uma ingenuidade estes jornaes, que se vendem em toda a parte ao preço dos lumes-promptos, que, francamente, se não fosse a *innocencia* que lhes conhecemos, tel-os-hiamos por uns parlapatões de força maior.

O «JORNAL DA MANHÃ», que os nossos leitores terão ouvido apregoar pelas ruas e praças do Porto, ás portinholas das carruagens nas estações dos caminhos de ferro do Minho e Douro, e por todas as partes onde exista um cidadão com uma moeda de dez reis na algibeira, fazendo ha dias o reclame de um livro infamissimo de Victor Hugo, do idolo da Revolução e da impiedade, dizia entre outras cousas o seguinte:

«E' a mais bella obra com que podemos presentear uma senhora, o livro que devemos confiar a nossos filhos, pelos admiraveis exemplos de virtude que alli se encontram.»

O livro que um tal elogio mereceu da folha citada é «Os Miseraveis», onde Victor Hugo, pago pelos inimigos da ordem e do bem estar das sociedades, entornou toda a maldade de um espirito, que renegára as crenças da infancia para agradar aos que compravam a peso de ouro, escriptos hostis á Igreja. E um livro d'estes, para quem não esteja prevenido contra o veneno que se ministra diariamente nas paginas do jornalismo revolucionario, á vista do reclame apontado, tido seria por uma primorosa publicação, e talvez, quem pôde duvidal-o? seria comprado pela mãe carinhosa para offerlar á innocente filhinha! E assim se tornava uma mãe culpada, sem o querer, na morte moral do ente estremecido; assim prepararia

uma mulher para as barricadas, assim roubaria á sociedade uma boa mãe, uma excellente esposa!

Que enorme responsabilidade pesa sobre os jornalistas sem consciencia, e ao mesmo tempo sobre aquelles que os sustentam!

Felizmente a boa causa, a causa da Igreja, que é a da sociedade, vae ganhando terreno n'este nosso Portugal. Muitas graças devemos dar a Deus!

Tambem Chaves vae gosar as vantagens e regalias de uma casa religiosa de educação, porque a Archi-confraria da Senhora das Graças, obteve do governo, o convento que n'aquella villa existia, e que só tem uma religiosa, para estabelecer n'elle um collegio de meninas. E como a boa educação se não dá hoje, n'este seculo de luminarias, senão em casas puramente religiosas, parece que a direcção do projectado collegio será confiada ás religiosas do Sagrado Coração de Maria, ou inglezinas, e já para esse fim foram a Chaves duas religiosas.

Apesar de ser isto um grande melhoramento para Chaves, appareceu n'um pasquim, que se publica no Porto, sub a direcção do tristemente celebre Felisardo de Lima, que, pelo nome não perca, uma herraria torpemente acanhada, escripta. certamente, por algum corneta ou tambor dos regimentos que fazem a guarnição da praça, em que se dizem cousas proprias de caserna, onde se chama aos catholicos, bestificadissimos carolas, e ao collegio um projecto coio lupanar, etc. etc.

Se o pedante montezino, que rabiscou, ou asneou no papel de Felisardo tivesse boas orelhas e tivesse juizo para aprender a boa educação, nós ainda lhe dariamos algumas lições: mas como elle é, alem de estúpido, mal educado, mandamol-o fazer limpeza nas casernas, que é o serviço que lhe está mais apropriado. E á *Folha de Chaves*, que tem as mesmas graças, damos-lhe ainda um conselho—vá para a escola, que é o lugar dos be-hês.

Aos povos de Chaves e a todos que trabalham para a realisação de uma obra tão civilisadora, os nossos parabens.

Não ha muito que nos comprasiámos em aplaudir a lembrança das Filhas de Maria de Guimarães que se apresentam nas suas festas ostentando a imagem da Virgem ao peito, pendente de uma fita de seda azul; mas hoje vamos dar uma noticia que eclipsa todas as festas, todas as lembranças das nossas benemeritas patricias, pertencentes á sympathica associação das Filhas de Maria. E' a publica manifestação da sua fé, que as Filhas de Maria, da Covilhã,

acabam de dar, realisando uma festa e procissão em honra de N. Senhora de Lourdes.

Descrevamos essa procissão:

1.º—Dois grandes estandartes ou bandeiras, o de N. Senhora do Bomparto, e o de N. Senhora da Saude.

2.º—Um mais pequeno estandarte e 50 meninos da congregação de S. Luiz Gonzaga, que vestiam a respectiva opa e logo em seguida o andor de S. Luiz.

3.º—A' frente da musica regimental vinte meninos cantores.

4.º—A bandeira do Sagrado Coração de Jesus, que era acompanhada por quatro elegantes anjos, e apoz estes o andor de S. Stanislaou.

5.º—280 Filhas de Maria, em duas alas, vestindo de preto e com lenço branco.

6.º—O andor de S. José e apoz este a bandeira da Immaculada Conceição e depois 50 meninas Filhas de Maria, as quaes são todas donzellas.

7.º—A bandeira de N. Senhora de Lourdes, e 27 meninas que trajavam á imitação da Santa Virgem, em seguida igual grupo de meninas á imitação de Bernardette, e mais 110 que vestiam de branco com grinalda de flores na cabeça.

8.º—Um outro grupo de 50 Filhas de Maria e apoz estas o andor de N. Senhora de Lourdes.

9.º—30 meninas de vestes brancas, que com suas faxas de cores precediam a philharmonica *Boa União* e acompanhavam cantando o hymno que a mesma tocava.

10.º—O andor de Santa Ignez e um grupo de anjos que levavam em pequenas bandeiras, de um lado uma palavra da Saudação Angelica, e do outro sobre um coração uma letra, (as quaes não podemos juntar) em seguida o andor do Menino Jesus e 12 meninas de branco.

11.º—15 irmandades diversas, e um novo grupo de Anjos.

12.º—Baliza e em seguida a philharmonica *Industrial*, e numerosissimo povo.

D'isto não se faz ainda em Guimarães, e, quer-nos parecer, que se não fará. E não se fará, porque, apesar de em Guimarães haver, talvez mais de 280 Filhas de Maria, quantas se apresentariam para formar alas n'uma procissão? Quantas seguiriam as devotas secretarias?

Perdoem-nos as caras e fervorosas

Filhas de Maria vimaranenses, se affirmamos erradamente; Deus queira que nos enganemos, e que vejamos fazer em Guimarães o que se fez na Covilhã.

A's damas covilhanenses, e a todos os bons filhos da Covilhã, os nossos parabens mais entusiasticos.

O nosso esclarecido collega, e benemerito companheiro nas lides da imprensa, a *Aurora*, de Pernambuco, dava-nos pouco ha a seguinte noticia:

Protector da imprensa catholica.—Em Paris um capitalista catholico tomou 100 assignaturas de *La Croix*, para distribuir e propagar a boa leitura.

Concorre, pois, esse bom protector com a quantia mais ou menos de novecentos mil réis por anno.

Sublime exemplo é este para os catholicos ricos do nosso paiz. Imagine-se que os grandes proprietarios, os que mais lucram com as edeias propaladas pelo *Progresso Catholico* tomavam cada um 100 assignaturas, com o que gastariam 60 mil réis por anno, e com cuja propaganda ensinavam a respeitar a sua prosperidade! Que de beneficios!

Mas, salvas honrossas excepções, os que mais tem são os que menos se emportam com a imprensa catholica! Não admira: elles tem para cavallos e cães, tambem podem ter para dar aos socialistas.

Os jornaes americanos transmitem-nos a noticia seguinte, que muito folgamos tornar conhecida dos nossos leitores:

«No convento da Visitação de Baltimore acaba de professar a joven dancza Constancia Edgar, da familia de Napoleão Bonaparte. E' neta do principe Jeronymo Napoleão Bonaparte, e entre seus antepassados pelo lado materno conta o mais celebre orador americano. Daniel Webster.»

Este acontecimento deu-se nos Estados-Unidos, e os jornaes todos deram noticia como um grande acontecimento. Fosse n'este nosso Portugal, n'este jardim da Europa á beira mar plantado, e veriamos o barulho, a raiva, a cholera, que um tal facto levantava, da parte, pelo menos, do jornalismo giringoneiro!

Haja vista ao que tem acontecido em casos quasi iguaes, e far-se-ha ideia do que é capaz o liberalissimo povo, e o não menos liberalissimo jornalismo portuguez.

Tencionavamos dar hoje o indice do setimo volume. A abundancia, porém, de materia, e a falta de espaço, obrigamos a adiar para o numero seguinte a sua publicação, do que pedimos desculpa aos nossos assignantes.

J. de Freitas.